

A mudança de época como desafio aos presbíteros

Pbro. Dr. Luiz Roberto Benedetti*

Sumário

O documento de Aparecida chama a atenção para a passagem decisiva que representa uma época de mudanças para uma mudança de época. Ela exige novos esquemas de compreensão e faz com que desafios se transformem em dilemas. No campo religioso a transformação mais evidente é a subjetivização religiosa, que represente uma ruptura com as grandes instituições e narrativas que conferiam sentido à realidade. O ministério sacerdotal é diretamente afetado, seja no processo formativo, seja no seu exercício. Espremido entre as exigências da instituição eclesial e as dificuldades cada vez maiores da população, o presbítero vê-se tentado a adotar um estilo de vida moderno, com acentuação dos sinais distintivos de sua condição, combinado a um discurso de cunho fundamentalista. A geração pós-Concílio Vaticano II, capaz de um diálogo fácil com membros de outras denominações e mesmo pessoas e grupos sem religião, não se enquadra nos moldes de uma Igreja que tende

* Presbítero da Arquidiocese de Campinas (SP), doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor aposentado da PUC-Campinas. E-mail: lrbene@uol.com.br

a uma volta ao passado e encontra adeptos abertos à sua proposta dentro do grupo presbiteral mais novo. O *generation gap* se aprofunda e contribui para acentuar o caráter de dilema que a pós-modernidade apresenta ao exercício do ministério presbiteral.

Palavras-chave: Presbítero, realidade, cultura, dilema, estilo de vida, identidade, consumo.

The change of time as a challenge for priests

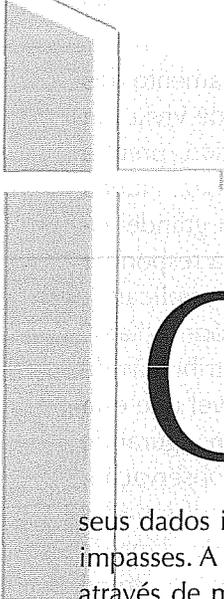
Luiz Roberto Benedetti

Summary:

The Aparecida document draws attention to a radical move that represents a time of changes for a change of epoch. It requires new patterns of understanding and causes challenges turn into dilemmas. In the religious field the transformation is more evident religious subjectivism, which represents a break with the big institutions and narratives that gave meaning to reality. The priestly ministry is directly affected, either in the formative process or exercise. Compelled between the demands of the ecclesiastical institution and the increasing difficulties of the population, the priest finds himself tempted to adopt a modern lifestyle, with an enhancement of the distinctive signs of his condition, combined with a fundamentalist slant speech. The generation after Vatican Council II, capable of easy dialogue with members of other denominations and even with people and groups without religion, does not fit the mold of a church that tends to return to the past and find to his followers open to the proposal in the youngest priests group.

The generation gap gets deeper and helps to accentuate the character of the dilemma that postmodernity presents to the exercise of the priestly ministry.

Keywords: priest, reality, culture, dilemma, lifestyle, identity, consumption.



Quanto se pensa no tema proposto pelo título deste artigo de imediato vêm à lembrança, os documentos do magistério, de um modo especial o documento de Aparecida. E aí começam os problemas: os desafios ultrapassam as situações, ou pelo menos a capacidade de visualizá-las em seus dados imediatos. Quase sempre os desafios são, na realidade, impasses. A realidade, vista em perspectiva sócio-histórica, se revela através de mecanismos que os dados empíricos ocultam a olhares menos avisados. Levam, dessa forma, à busca de receituários que, utilizando linguagem médica, funcionam como uma espécie de placebo. Assim, as grandes intuições do Vaticano II, suas linhas de força não se institucionalizaram de acordo com a inspiração profunda que as animava. O documento de Aparecida, por exemplo, elenca os problemas urbanos e seus desafios teológico-pastorais, mas titubeia na hora de propor iniciativas ousadas, que, sem ignorar a tradição histórica acumulada, saiam do lugar comum institucionalizado. E, assim, se volta à paróquia, no fundo uma solução canônica, à qual se procura acrescentar “remendos” pastorais. A solução institucional-histórica que, à luz da realidade, deveria constituir o problema, acaba sendo a solução. Dessa forma, paralisa-se o processo da prática¹ capaz de, em médio prazo, gerar formas institucionais criativas.

A geração Vaticano II está deixando a cena. São os que permaneceram após a “grande tribulação” que foi a crise sacerdotal e da vida religiosa pós-Vaticano II. Aqui duas observações: é um erro grosseiro, advertia João XXIII na abertura do Concílio, ignorar a história como “mestra da vida”. Incurrer nesse erro é “culpar” o Concílio Vaticano II pelos “males” que afligem a Igreja. Atribuir, de modo enfático, ao Concílio e à vacilação de Paulo VI, a contestação no interior da

¹ No sentido abrangente que inclui o que se faz e a “representação” do que se faz (tanto do agente quanto do que analisa as ações).

Igreja. E no interior desta, a evasão sacerdotal e o esvaziamento dos seminários. Com isso se esquece que a própria sociedade vivia um clima de efervescência crítico-cultural, de caráter político, prenhe de virtualidades cristãs, como por exemplo, a luta pela paz. Nunca se faz a pergunta contrária: se não tivesse acontecido a grande assembléia conciliar teria a Igreja condições mínimas para responder aos desafios históricos do momento, desafios estes que “explicam”, de um ponto de vista puramente sócio-histórico, o próprio “fato” Concílio? Em que situação estaria a Igreja hoje sem a contribuição de uma nova linguagem para transmitir o tesouro inestimável que esta tem para dar à humanidade, como insistia o discurso inaugural de João XXIII?² Nem sempre se leva em conta, esta segunda observação, que muitos deixaram o ministério e a vida religiosa, impulsionados por um desejo sincero de serviço à Igreja. Viram, dentro do clima da época, um alcance maior que o meramente institucional-doutrinal das afirmações conciliares. Afinal, viviam em “seu tempo”! Hoje, vez por outra, reconhecem que esta postura fez com que a Igreja perdesse figuras-chaves na formação de seus quadros (para usar uma linguagem tirada da política). Mas, é importante dizer, dos que absorveram o espírito do Concílio poucos foram nomeados bispos, um papel decisivo para entender as transformações históricas no interior da Igreja em sua relação com a sociedade, uma vez que o corpo episcopal faz a ponte entre as Igrejas e a burocracia central; além disso, tem uma capacidade de ação, que embora limitada, pode levar a mudanças significativas³. Para uma reflexão mais serena e uma avaliação mais justa de personagens envolvidas na turbulência da época é necessário inverter a perspectiva interpretativa. O Concílio ocorreu no interior da grande mudança dos anos 50/60. As transformações históricas, sem negar a contribuição específica das instituições, explicam o Concílio e não o contrário. Pensar que o Concílio provocou a contestação é esquecer que tudo foi contestado nos anos 60. É atribuir à Igreja Católica um papel que está muito além de sua força histórica no ditar os rumos da sociedade.

² Basta aqui lembrar as posturas opostas do então Cardeal Ratzinger que lamentava os “frutos amargos” do Concílio e do Cardeal Konig de Viena, que o via como fruto do Espírito de Deus.

³ Ivan Vallier refere-se às dioceses como “unidades estratégicas” para compreensão histórico-social da Igreja Católica. Estratégicas por seu caráter de ligação entre o universal e o local. (VALLIER, Ivan. Comparative Studies of Roman Catholicism: Dioceses as Strategic Units. Em: Social Compass. v. 16 (1969/2); p. 147-184).

A crise dos ministérios aparece como problema recorrente na Igreja Cristã em suas várias denominações. Só que, a um olhar leigo, no catolicismo a crise atinge a instituição como um todo por acobertamento do que é, em última instância, um crime. O que se espera é que esses fatos, que fazem o cristão comum sofrer, ajudem a ter um pouco de serenidade na discussão dos desafios que se colocam ao ministério presbiteral hoje; de um modo mais específico, à formação dos futuros presbíteros. Os problemas que atingem a Igreja Anglicana e que afetam diretamente a Católica, atestam que atribuir ao Concílio os dilemas enfrentados é fazer a “política de avestruz”, na medida em que isso aparece como mecanismo para justificar um retorno ao passado.

O documento de Aparecida reconhece que hoje não há apenas mudanças tópicas (época de mudanças), mas diz claramente que vivemos uma “mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural”⁴. Mudança que, aliás, é, dentro das características de um documento desse tipo, muito bem delineada. O grande problema está na defasagem entre a situação descrita e as práticas pastorais propostas para a evangelização. Uma mudança de época supõe soluções novas, ousadas. E a tentação é voltar ao passado. Mais que tentação: é um risco duplo. De um lado, não se pode esquecer a história milenar, a sabedoria acumulada, o rico patrimônio da instituição. De outro, a mudança de época supõe que se “saia” da aura institucional e se “tente” entender as “novas” categorias de interpretação que constituem o “novo” propriamente dito. Entender o mundo com as categorias eclesiais é, de antemão, impedir uma compreensão profunda. A grande mudança é que ele é novo exatamente porque escapa às categorias do universo religioso cristão para se interpretar. Realidade presente em expressões como “mundo pós-cristão”, ou numa referência mais precisa à Europa, mundo no qual o catolicismo foi exculturado⁵. Caso contrário, cai-se na justificativa cômoda de dizer que o mundo vai mal porque se afastou da Igreja. E com isso

⁴ Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo, Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007, n° 44.

⁵ Para Hervieu-Léger, o cristianismo deixa de ser o referente para a compreensão do universo cultural europeu. Por recusa, por reinterpretação secularizada, a Europa “se pensava” no interior do Cristianismo. Hoje, ele é um fato cultural entre outros. (HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris, Bayard, 2003).



se fecha o caminho para compreensão das virtualidades evangélicas presentes na “nova” realidade histórica e busca de respostas pastorais adequadas. Sem essa mudança de campo epistemológico de compreensão não se entende a profundidade dos desafios e dão-se respostas tópicas que muitas vezes só adiam soluções, bem como aprofundar e agravar os problemas, na realidade dilemas.

Que são dilemas, reconhece-o o próprio papa Bento XVI, quando ainda cardeal. Após se referir às questões recorrentes, como celibato e ordenação das mulheres, ele reconhece, com Metz, que são resolvidas na “Cristandade protestante”; entretanto, nem por isso esta foi poupada da crise e enfrenta o problema de dizer algo evangelicamente significativo a uma sociedade cada vez mais indiferente às instituições cristãs⁶. Sim, há dilemas e impasses mais que simples desafios. O que não justifica que se resolvam com medidas disciplinares e com argumentos de autoridade.

O conflito cultural hoje já não se dá mais entre razão e fé, ciência e religião, nem mesmo entre política e religião. A religião é desafiada em seu próprio campo: não tanto pelo pluralismo religioso, mas por uma subjetividade religiosa fluida, amorfa, vivida como uma mistura de elementos de tradições religiosas consistentes com técnicas de auto-ajuda, terapias alternativas e psicologia de auto-aperfeiçoamento. As grandes instituições doadoras de sentido para a vida pessoal e social têm papel cada vez menos significativo e relevante. São, até certo ponto, substituídas pelas grandes agências de publicidade e marketing que sustentam o consumo; a própria religião entra nesse universo. Seus reflexos na formação presbiteral são imediatos. Em conversas informais, um sociólogo de prestígio, conhecedor profundo do universo religioso brasileiro, referia-se aos novos padres e seminaristas: “para que estudar latim, grego, filosofia, se basta saber tocar violão, cantar e dançar?”. Não era uma frase de efeito. Descrevia, com precisão cirúrgica, o estado de espírito dos que buscavam o ministério sacerdotal no tempo em que os “padres cantores” estavam na ordem do dia.

⁶ RATZINGER, Joseph. O sal da terra. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p.145.

Aparecia como alternativa imediata a estes um fundamentalismo, não muito distante do que Harvey Cox denomina a religião “tremendista”⁷. O que importa, aqui, entender os desafios/impasses em seus reflexos imediatos sobre a vida e ministérios dos presbíteros. E perceber, desde já, como o eclipse parcial dos “padres midiáticos” revela o espírito do tempo, expresso, de maneira feliz por Marx: “tudo o que é sólido e estável se esfuma, tudo o que é sagrado é profanado”⁸. Na realidade, essa alternativa entre o envolvimento emocional e o fundamentalismo não se opõem no plano da ação pastoral. Os dois estão presentes na televisão e no rádio. O mesmo personagem que canta e dança prega verdades prontas, objetivadas. Por isso mesmo se opõem à única exigência dos tempos atuais: a formação continuada, capacidade de reflexão e hermenêutica aguçadas.

Desafios

Em 1997, quando presidia a Congregação para a Doutrina da Fé, o então Cardeal Ratzinger colocou o dedo na ferida. Prometeu ao jornalista que o entrevistava não deixar nenhuma pergunta sem resposta. E no interior da discussão sobre os problemas enfrentados pela Igreja disse:

“Só olhamos para os mesmos, ocupamo-nos de nós mesmos, lastimamo-nos por causa de nós mesmos, queremos que tudo funcione bem na nossa Igreja e quase já não vemos que a Igreja não existe só para si mesma, mas que temos uma palavra que tem alguma coisa a dizer ao mundo e que devia ser ouvida, que podia oferecer qualquer coisa. Esquecemo-nos demais da nossa verdadeira tarefa”⁹.

O mais inquietante nas novas gerações de presbíteros –e mais ainda nos alunos dos institutos teológicos– é a ausência de qualquer inquietação quanto à vida do mundo e mesmo da Igreja. Voltados

⁷ Cox refere-se aos redneck preachers (pregadores de pescoço vermelho), pastores batistas fundamentalistas que faziam do pecado e das ameaças do demônio e do inferno o tema central de suas pregações. Seu intuito era provocar pavor nos ouvintes. (COX, Harvey. *La religion en la ciudad secular*. Santander, Sal Terrae, 1984, p. 31).

⁸ MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro. Vitória, 1963, p. 26.

⁹ RATZINGER, Joseph. o.c., p. 129.

para si mesmos. Pouca ou nenhuma afeição à “vida do espírito”, à reflexão. Refugiam-se num passado pronto, numa tradição vivida ao pé da letra. Preocupação com a liturgia de caráter rubricista e ostentatório. Nela buscam mais a expressão de um estilo de vida que a celebração comunitária de um mistério. A preocupação em festejar datas, ligadas à história pessoal no exercício do ministério, deixa em segundo plano, quando não são ignorados, os eventos importantes da comunidade. E tudo começa já no curso teológico: vestes e convites de ordenação. Legalistas, e quase sempre intransigentes, com o povo de Deus, são indulgentes para consigo mesmos.

Um quadro que precisa ser matizado. Muito sumário e, até certo ponto, injusto. Mas se tomado como tendência e visto sem moralismos, chama a atenção para um dado que tem sido descuidado: o aprofundamento do “generation gap”¹⁰ no interior do presbitério. Os padres que viveram o Vaticano II sentem-se profundamente desconfortáveis com essa tendência e, até certo ponto, avalizam, literalmente, a situação descrita. Apesar dos juramentos de fidelidade amorosa aos bispos – vivida e sentida por eles até mesmo por conta do próprio Concílio Vaticano II – não se sentem representados no “corpo” episcopal. Constituem raras exceções as nomeações episcopais que se identificam com suas aspirações. Mais: constata-se, com certo pesar, que os representantes mais brilhantes de sua geração, que poderiam ter dado um novo rumo ao curso da instituição eclesial, deixaram o ministério. Aliás, um fato interessante, de um ponto de vista sociológico, é que o próprio Concílio (entendendo pela palavra menos o fato em si e mais o espírito que suscitou) impediu uma frustração generalizada. Mas não deixou de provocar um diálogo de surdos no interior do presbitério.

O documento de Aparecida mostra consistência ao avaliar os desafios que se colocam. Mas, como foi dito, persiste a tendência a ficar uma resposta alocada no interior de mecanismos e instituições existentes e que, no limite, exigem uma reflexão crítica. Baste como exemplo, o seminário como única instituição formativa. Mais proble-

¹⁰ A distância entre gerações é utilizada na sociologia para analisar as relações entre pais e filhos ou entre grupos nascidos em épocas marcadas por acontecimentos que podem apresentar características diferentes apesar da proximidade espacial ou cronológica. Tal distância pode representar rupturas significativas em termos de visão de mundo e comportamentos correspondentes.

mático ainda é o fato da exigência de uma “teologia” exclusiva para os candidatos ao sacerdócio, afastando-os do mundo dos leigos. Há por trás a pressuposição de que os destinos do mundo se decidem à sombra dos campanários e no interior das sacristias. Reflexo do sonho de refazer a unidade da fé cimentando uma sociedade cristã, de caráter monolítico no momento em que, como foi dito, o Cristianismo é desafiado pela subjetivização religiosa.

O documento de Aparecida caracteriza os jovens como vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna: os meios de comunicação trazem consigo uma “fragmentação da personalidade”; geram a dificuldade de assumir compromissos definitivos; provocam a ausência de maturidade humana e o enfraquecimento da identidade espiritual (nº 318). Refere-se aos seminários e exige que os formadores propiciem um clima de liberdade e responsabilidade pessoal, evitando criar ambientes artificiais ou itinerários impostos (nº 322). O que não se enxerga é que o próprio seminário é um ambiente artificial. Lugar de vigilância e disciplina numa cultura nômade, tribal em que as associações se fazem em torno não mais de causalidades e finalidades mecânicas (como na modernidade). O estar-juntos não é mais cimentado ou legitimado por um ser supremo, seja Deus, seja o Estado, a Instituição, o Indivíduo, enfim os grandes referenciais da vida social, mas é o sentido de um instante partilhado em torno a valores de cunho politésta. É aqui que a vida se estetiza, que a ética se traduz em estética. Nada de negativo nisso. Maffesoli vê mesmo nessa cultura (juvenil) uma forma de reação à unidimensionalidade econômico-tecnocrática. Não se trata de assumir este ponto de vista, mas de ser menos moralista quando se toma consciência de que o tempo de seminário, mais do que educação a uma obediência consciente e responsável, conduz a uma submissão puramente retórica. Essa cultura radicaliza ainda mais o generation gap acima referido. A geração do Vaticano II foi capaz de combinar duas virtudes dificilmente conciliáveis, liberdade e obediência. Aprendizado doloroso. Mas constituiu a grandeza desta geração. Carregou consigo o que de melhor se pode esperar do presbítero: ser fiel aos ensinamentos da Igreja sem perder a sensibilidade aos sofrimentos do povo de Deus. Capaz de responder aos anseios da comunidade cristã porque evangelicamente livres e conscientes do caráter sacramental da Igreja como comunhão (obedientes). Respondem sem repetir fórmulas prontas.

Essa mesma liberdade faz com que os presbíteros dessa geração se identifiquem (e dialoguem) com grupos semelhantes. Eles se sentem mais integrados e em diálogo com grupos de outras igrejas (e mesmo não cristãos ou não religiosos) do que com as novas gerações. O que os une entre si e com outros grupos são causas comuns, que, quando tocam os novos presbíteros o fazem de maneira superficial, sem envolvimento profundo. Essa situação traz mais perplexidade que espírito de comunhão e de estímulo mútuo. Um exemplo é o próprio ecumenismo: as políticas ecumênicas oficiais, das instâncias diretivas, não abalaram o diálogo entre grupos interconfessionais. Não se pode idealizar a situação, mas a realidade é que a identificação se dá fora dos quadros do presbitério –que bispo não se queixa da divisão do clero?– uma vez que a instituição perdeu seu caráter sagrado agregador (de cima para baixo).

O Cardeal Claudio Hummes, prefeito da Congregação para o Clero, em encontro da Comissão Nacional de Presbíteros do Brasil, comentava Aparecida e realçava esse desafio da sociedade, por ele definida como “pós-moderna, secularista e laicista, relativista e indiferente à religião”¹¹ e que está na raiz de dois problemas: a queda crescente do número de sacerdotes e a conseqüente sobrecarga do seu trabalho, que se torna “penoso e exigente”¹². A cultura que anima essa sociedade põe como exigência fundamental uma “nova consciência missionária” uma vez que enfrenta uma cultura “urbana, secularizada e consumista, hedonista e filo-transgressiva (...) sempre mais descristianizada, relativista e laicista, quando não abertamente anticristã”¹³. Chama ainda a atenção para a pobreza e a miséria do continente, situando no interior desse quadro o proselitismo neopentecostal. Não estabelece, com razão, nenhuma relação causal entre miséria e pentecostalismo. O problema está no fato de que este é mais ágil e está mais “aparelhado”, de um ponto de vista cultural, para enfrentar o mundo urbano. Basta pensar no pesado aparato burocrático eclesiástico. A paróquia tende a ser um centro de prestação de serviços religiosos.

¹¹ HUMMES, Claudio. Ser presbítero. Em: Presbítero – Discípulo-Missionário de Jesus Cristo na América Latina. Brasília, Edições CNBB, 2008, p.17.

¹² HUMMES, Ib, p. 17.

¹³ Ib, p.19.

O Cardeal Hummes reconhece os abusos ligados à sexualidade, relativizando-os com dados numéricos (1% dos padres) – um índice baixo de “desvios e abusos na conduta moral-sexual”¹⁴. São necessárias, entretanto, duas observações:

- é a imagem da Igreja e do presbítero em particular que é atingida. Imagem já cristalizada na consciência do povo cristão e, de um ponto de vista antropológico, fator necessário de identidade e aceitação social. No limite, sua quebra pode levar ao que Goffman define como estigma, “atributo profundamente depreciativo”¹⁵;
- o próprio cardeal observa que esses fatos são “muito destacados e superdimensionados pela mídia”¹⁶, o que torna a questão numérica relevante. O mesmo Goffman mostra como o estigma pode tornar o indivíduo desacreditado e desacreditável face à transformação de qualidades tornadas “expectativas normativas” e “exigências apresentadas de modo rigoroso”. Cria um fosso entre a “identidade social virtual” e a “identidade social real” e seu efeito sobre o indivíduo e o grupo ao qual pertence pode ser devastador, pois faz dele uma “pessoa estragada e diminuída”¹⁷.

E aqui reside outro aspecto dos desafios/dilemas apontados: a Igreja não é mais dona de seu discurso, nem pode controlar as consequências sociais que ele provoca; mais, como referido atrás, as instituições veneráveis perderam sua aura. O presbítero é reduzido a um “produto midiático”, a um fato. Não é reconhecido como portador de uma verdade transcendente. Aquelas verdades, que na sociologia, como a de Durkheim, eram vistas como capazes de funcionar como representações coletivas, agregadoras, integradoras da sociedade; as visões de mundo, que nas sociedades tradicionais eram capazes de criar uma consciência coletiva¹⁸, perdem consistência num mundo

¹⁴ *Ib* p.17.

¹⁵ GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade social deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975, p. 13.

¹⁶ HUMMES, o.c. p.17.

¹⁷ GOFFMAN, o.c. p. 12.

¹⁸ Pizzorno elabora uma discussão consistente sobre as categorias de consciência coletiva e representações coletivas de acordo com as transformações histórico-sociais. (PIZZORNO, Alessandro. *Uma leitura atual de Durkheim*. Em: COHN, Gabriel (org.). *Para ler os clássicos*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977).

marcado pela liquidez: amor líquido, vida líquida vida para consumo, tempos líquidos, medo líquido¹⁹.

Falando dos padres do novo milênio, o vaticanista Marco Politi diz que “eles sonham com uma Igreja distante dos palácios, mas principalmente que sejam ouvidos por uma hierarquia eclesiástica que parece distante”. Sentem a necessidade de não se “fazer fagocitar por um trabalho de tipo empregatício”. Os que idealizavam uma Igreja na qual o padre é “adorado e venerado” dão-se conta da dificuldade de se relacionar com a sociedade. Mas, nota Politi, as maiores queixas se referem ao ambiente interno eclesiástico. Ai vê competitividade e inveja entre os seus próprios irmãos. O fato de não ter coragem de levar à frente o Concílio com uma escolha firme e decidida criou uma situação “ambígua e confusa”. Queixam-se da hierarquia que “tende a sufocar” a discussão dos problemas. Um padre diz, dirigindo-se imaginariamente aos bispos: “deixem explodir antes que a situação se torne insustentável. Deixem surgir e florescer aqueles que são os verdadeiros problemas que afligem as paróquias, os sacerdotes, os leigos, tudo”²⁰.

O texto se refere, de modo específico, à situação na Europa em processo de crescimento da indiferença religiosa. Talvez se possa dizer que numa situação de um continente satisfeito consigo mesmo o sacerdócio atraia como profecia; num continente religioso marcado pela desigualdade e pobreza, o sacerdócio é ainda um dos canais de ascensão social.

Qual o desafio que se apresenta aqui: vale mais uma vez a referência ao generation gap. Os novos padres tendem à preocupação consigo mesmo, dando a impressão de uma submissão ao bispo puramente retórica. A geração antiga sente-se diretamente atingida pela dureza da burocracia eclesiástica –que age por decretos e documentos– face às situações concretas que enfrentam no exercício do ministério. Há uma espécie de consciência “prensada” entre a obediência ao magistério e a realidade complexa do povo que leva seus problemas ao padre.

¹⁹ São títulos de livros de um arguto analista da sociedade pós-moderna, Bauman.

²⁰ POLITI, Marco. Menos solidão e mais abertura à vida: os sonhos dos padres no novo milênio. Em: www.ihu.unisinos.br Consultado em 20/02/2010.

Considerações adicionais

Tanto o documento de Aparecida quanto o comentário do Cardeal Hummes se referem à fragmentação da personalidade. Uma expressão que merece um tratamento mais detalhado. Problema que atinge de modo particular os presbíteros, independentemente de idade. Essa fragmentação está estreitamente vinculada à noção de estilo de vida. Descrever o “novo clero” ou os desafios que se colocam ao presbitério de maneira puramente descritiva e genérica, além de ser injusto com muitos padres heróicos e santos, poderia induzir a uma reflexão puramente moralista. Evidentemente os padres e grande parte dos fiéis (ai incluídos os de outras denominações cristãs oriundas da Reforma) se perguntam, não de maneira retórica mas “experencial”, o que significam as canonizações de Balaguer, fundador o Opus Dei, a beatificação de Pio IX e o engavetamento das causas da canonização de João XXIII e dos mártires latino-americanos. Isso lhes concerne diretamente, na medida em que as canonizações (hoje tornadas cada vez mais insignificantes) representam a sacralização de um modelo histórico de ser cristão (e nos casos citados, de ser padre). Concretamente representam propostas de um modo de estar no mundo; de como se ver a si mesmo e de ser visto pelos que cercam. Em uma palavra, são referências de identidade²¹. São “biografias exemplares”, no caso, contrastantes entre si.

Em primeiro lugar é preciso olhar que a modernidade, na linguagem de Weber, fechou a porta dos mosteiros e desceu às questões terrenas. Criou um mundo de “complexos significativos”, reduzindo a religião a um elemento entre outros. Não mais o elemento definidor da identidade²² o universo de sentido totalizante de si mesmo, da história e da sociedade.

A perda de referentes, na cultura pós-moderna, leva ao consumo, constituindo, como diz Featherstone, sua “tendência imanente”²³. A cultura torna-se o “centro da vida social”, embora se trate de uma

²¹ Em sentido antropológico-cultural.

²² Existe muitas discussões entre os cientistas sociais sobre a validade do uso do termo. Sem ignorá-las, para o tema em questão o termo é pertinente.

²³ FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo, São Paulo, Studio Nobel, 2003, p. 160.

“cultura fragmentada e continuamente reprocessada”²⁴. O risco é definirmos essa complexidade, feita de re-arranjos e articulações em contínuo movimento, uma tendência ontologicamente definida –consumismo– e daí tirarmos conclusões de cunho moralizante.

O estilo de vida constitui uma forma de se definir no interior desta realidade. Não é apenas apetite, desejo, identificação com modismos passageiros. Na medida em que não há uma identidade definida a partir de valores transcendentais ocorre, de um lado, a busca da competição, igualização, e imitação; de outro, a diferenciação, individualização e distinção. O estilo de vida surge como “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade”, capaz de conferir, na expressão de Giddens, um sentido de unidade entre várias atividades e dar a sensação de “segurança ontológica”²⁵. Uma noção que tem origem na sociologia de Weber, só que radicalmente modificada. “A nobreza não come, não dorme, não se diverte, não se senta ou não se lava em comum com o resto da população. Ela se veste de um modo distinto, assegurando muitas vezes leis suntuárias pra limitar a imitação, insistindo numa etiqueta que enfatiza sua superioridade”²⁶. O estilo de vida obedecia ao lugar social outorgado por laços de sangue. No mundo pós-moderno é um lugar social adotado. Constituído por hábitos e convenções “reflexivamente abertas à mudança à luz da auto-identidade”²⁷. Esta se constitui num processo de contínuo fazer e refazer – “não temos escolha senão escolher”²⁸.

O desenvolvimento científico e tecnológico, cada vez mais especializado, questiona continuamente a experiência que se tem de si mesmo. Sistemas especializados de conhecimento passam a influenciar o comportamento cotidiano. Há conselheiros para tudo. O próprio corpo se torna uma questão de escolhas e opções. Quando se pensa

²⁴ 23 lb, p.160.

²⁵ GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 80.

²⁶ COX, Oliver Cromwell. Estamentos. Em: IANNI, Octavio. Teorias de estratificação social, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1973, p. 247.

²⁷ GIDDENS, o.c. p.80.

²⁸ GIDDENS, o.c. p. 79.

na batalha das feministas na questão do aborto, por exemplo, na sua visão está em jogo “ser dona do próprio corpo”. E isso inclui não só a beleza, a cirurgia plástica, a engenharia genética, mas a aceitação das próprias limitações, sobretudo a experiência-limite, a doença e a morte. A vida individual torna-se cada vez mais descolada de considerações mais profundas ligadas à ética e à situação humana de finitude. Mais ainda, estas também tendem a flutuar, obedecendo até certo ponto, ao ritmo ditado pela ação de sistemas de conhecimento altamente abstrato que especialistas transformam em receitas para se estar em dia consigo mesmo. Um grupo que alargando uma expressão de Bourdieu, constitui os “novos intermediários culturais”²⁹.

Não é necessariamente o mundo universitário que prepara os intermediários culturais. No campo religioso, marcado pelo pluralismo, de caráter competitivo, “especialistas” religiosos surgem de toda a parte eliminando a relativa correspondência de mundos que o padre vivia numa sociedade tradicional: igreja, família, escola, trabalho se reforçavam mutuamente. Mesmo quando estão no mundo universitário os seminaristas são segregados. Vivem nele mas não se integram nele. Aqueles que o fazem tendem a ser mal vistos pelos próprios companheiros. Sua participação nas causas comuns dos estudantes (movimento estudantil) é vista como agitação e indisciplina. Fenômeno oposto ao dos anos 60/70, quando muitos institutos, embora não inseridos em instituições universitárias, envolviam-se no movimento estudantil. Para os padres remanescentes desta época, este é mais um fator que acentua o generation gap. Os outros campos do saber tendem a ser vistos num prisma concorrencial, de caráter ideológico, o que ocorre sobretudo no curso de filosofia, no qual se pode observar “uma tendência muito significativa de “defesa do seu mundo”³⁰. Defesa marcada, seja pela busca de autores cristãos ou próximos e pela “incorporação” dos modernos e contemporâneos como apologetas contra si mesmos: “A verdade é idêntica a um lugar, isolado do mundo, mas dotado em sua literalidade de uma escrita, no interior da transparência de uma instituição, e na imediaticidade da experiência”³¹.

²⁹ Noção de Bourdieu, aplicada ao campo da arte e que aqui aparece ampliada para o campo cultural amplo. (BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*, Paris, Minuit, 1979).

³⁰ BENEDETTI, Luiz Roberto. *Leitura sociológica*. Em: VALLE, Edênio. *Padre, você é feliz?*, CNBB/Loyola, 2004, p. 70.

³¹ CERTAU, Michel de. *La faiblesse de croire*. Paris, Seuil, 1987, p. 230.

Há ainda um fator que torna mais agudo o desafio: a queda no nível educacional brasileiro é alarmante e tem reflexos imediatos sobre a formação sacerdotal. A insegurança leva à defesa do próprio mundo, como já foi dito atrás, e faz com que se estiole qualquer esforço de provocar uma reflexão mais aprofundada. Às vezes os próprios bispos dizem precisar de pastores, não de intelectuais, sem perceber que o discurso clerical se torna cada vez mais irrelevante. Isso, somado a uma submissão meramente retórica e à adesão ao estilo de vida pós-moderno, constitui um dilema: número ou qualidade?

Saídas

O documento de Aparecida pede presbíteros missionários. Nada mais distante de um espírito missionário que a ação meramente burocrática. A grande marca do Vaticano II foi colocar a Igreja toda em estado de missão. Unir todas as forças, identificar-se com um projeto significativo que tinha algo a dizer ao mundo e o fazia com alegria. Mas é um ganho histórico situado. Com o tempo ele se torna um fato, não mais um espírito. Uma coleção de documentos e normas não mais exigência de vida em prontidão contínua para responder aos sinais dos tempos. E os tempos hoje padecem do fenômeno conhecido como aceleração. A rapidez das mudanças pode ser considerada “a mudança”. E ela pode criar os que se refugiam no passado ou os “resistentes”, também tentados pelo desânimo. E ameaçados pelo cansaço.

A paróquia constitui-se como campo praticamente único e exclusivo do exercício ministerial. As experiências históricas que vieram depois do Concílio foram abandonadas sem que delas se fizesse uma avaliação serena. As coisas chegaram a tal ponto que uma simples volta (no documento de Aparecida) ao método ver-julgar-agir, da Ação Católica especializada, foi considerada quase uma “revolução”. Não seria hora de uma retomada de experiências históricas ignoradas pelo Código de Direito Canônico serem analisadas com serenidade e isenção? O caso mais flagrante, o das comunidades de base, serem olhadas sem preconceito, mesmo as “underground churches” da Europa e Estados Unidos? As da América Latina foram vítimas de um preconceito que projetava sobre elas o que acontecia lá. E pagaram um preço caro. A vida religiosa “inserida” nos meios populares deu lugar aos conventos. Grandes e vazios!

No fundo o que ocorre é um grande equívoco. O de acreditar no poder absoluto de doutrinas mudarem o mundo. Isso serve para justificar o medo tanto os que defendem o status quo, como os que lutam por mudanças. Sem ignorar o seu papel, sem diminuir o do poder central –e no caso da Igreja a comunhão como exigência– nenhuma mudança vem de cima. Não serão decretos que responderão aos desafios. É preciso dar passos pequenos e consistentes nas formas de presença da Igreja na sociedade, na estruturação das funções ministeriais, na catequese lenta e penosa –pode-se ver Bento XVI como um papa que não acredita em catolicismo massivo!– em pequenos grupos aonde formas novas de ministério irão emergindo. Um olhar sereno sobre a dignidade dos “padres casados” não deve ceder lugar à complacência humilhante de que são vítimas?

A paróquia absorve o padre e, na maioria dos casos, em tarefas burocráticas. Nos tempos do Concílio –entenda-se antes, durante e depois– havia os padres “liberados”. Eles se dedicavam a tarefas específicas de acordo com seu temperamento e suas habilidades: ocupavam-se das chamadas pastorais específicas. Animavam os leigos que se dispunham a trabalhar com doentes, prisioneiros, estudantes, operários, professores...

O secretário da CEI (Conferência Episcopal Italiana), ao convidar os padres a um empenho no anúncio da Palavra de Deus, usava termos como “mistura insípida” e “melaço” para falar do púlpito. Falava de pesquisas disponíveis mostrando que as pessoas que vão à missa, lembram com dificuldade a pregação ouvida: “damos a impressão de recitar uma lição aprendida de memória (...). As palavras passam sobre a cabeça sem entrar na vida, repercutem nos ouvidos sem entrar no coração. Somos mestres, e nem mesmo bons, mas não somos testemunhas. As pessoas ouvem, mas não se convencem e não mudam por consequência a sua própria vida” repetia o Cardeal Silvano Piovaneli arcebispo emérito de Florença³².

A causa principal é a relutância do clero em assumir que o mundo ao qual dirige suas pregações “não é mais uma cristandade” e a

³² POLITI, Marco. Menos solidão e mais abertura à vida: os sonhos dos padres no novo milênio. Site www.ihu.unisinos.br, consultado em 13/01/2010.



“linguagem cristã não coincide mais, se é que alguma vez coincidiu, com a linguagem dominante na sociedade”³³.

A pregação torna-se serial. Sobrecarregado por três a quatro missas nos finais de semana, atendimentos a pessoas que trabalham e não podem procurar o padre ao longo da semana, os problemas de toda ordem que afligem os que o procuram, o cuidado dos enfermos, enfim a sobrecarga de trabalho é posta como sendo a raiz do problema. Deixou-se de lado o que o Cardeal Martini fez em Milão, seguindo as diretivas do Concílio: aprofundamento bíblico da comunidade cristã: uma Igreja tornada pequeno rebanho tem como tarefa formar convicções e consciências, não de “organizar manifestações”. Embora o Concílio tivesse recomendado o ministério da Palavra aos leigos, na realidade ele é “privilégio” dos padres.

Talvez seja esta a razão de Aparecida enfatizar a seriedade da formação dos novos presbíteros: “formação intelectual séria e profunda, no campo da filosofia, das ciências humanas, e especialmente da teologia e da missiologia, a fim de que o futuro sacerdote aprenda a anunciar a fé em toda a sua integridade, fiel ao Magistério da Igreja, com atenção crítica atento ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes conquistas de pensamento e de conduta que deverá evangelizar”³⁴. Pode-se terminar com uma pergunta: é possível concretizar tudo isso formando fora do mundo, de suas dores e esperanças? Refugiando-se no passado para escapar às vertigens de uma mudança de época? Sobram perguntas. A solução de quaisquer desafios passa pelo seu reconhecimento.

³³ Ib.

³⁴ Documento de Aparecida, nº 323.